

SALA DE AULA: CENAS DE UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA

Deniz Alcione Nicolay¹
deniznicolay@yahoo.com.br

Personagens

S.D: Senhor Diretor

P.R: Professor Rabdomâncio

A.D: Aluno da Direita

A.E: Aluno da Esquerda

A.M: Aluno do Meio

A.A: Alunos Anônimos

P.V: Professora Vicejosa

P.T: Professor Timorato

T.D.L: Tia dos Lanches

S.G: Servente Gerundívia

Por vezes toca uma música de fundo no estilo da *Sinfonia N. 6 em B menor "Pathétique"* de Tchaikovski (1840-1893).

CENA I

Cenário

No portão da escola, minutos antes do sinal definitivo para que os alunos anônimos (A.A) entrem na sala de aula. É manhã de segunda-feira e eles passam sonolentos em direção à sala. No caminho,

alguns deles trocam conversa com o Professor Timorato (PT). Em seguida, surge a Servente Gerundívia (SG), blasfemando em voz alta.

S.G - (*Levantando os braços*). Vão andando seu bando de preguiçosos! Nem bem o dia amanhece e vocês parecem uma trupe de almas penadas. Quem me dera, em meu tempo, ter aproveitado os estudos. Agora só ando varrendo, lavando, limpando, espanejando...

P.T - Mas o falso também é verdadeiro. O tempo não volta, mas sim as ideias. E elas voltam como a poeira que, todos os dias, vos levantaiis do chão. Assim, a lembrança do passado também prende a palavra, embora as palavras estejam em todos os lugares. Como disse o poeta: “Nada se ganha, e tudo se perde, quando nosso desejo fica satisfeito sem contentamento” (SHAKESPEARE, 2000, p.63). Desse modo, creio que o próprio tempo é uma grosseira ilusão.

S.G - (*Com ar de deboche*). Ora professor! Diga isso para quem acabou de perder o ônibus. Além do mais, poesias são razoáveis para a cabeça, mas não enchem o prato do dia. Foi andando que aprendi. E andando, sem retornar, cheguei até aqui. Mas esses que aqui estão não andam mais que seu pensamento. Como é de praxe, sabendo, deveriam entender que “[...] em terra de cegos quem tem um olho é rei” (MAQUIAVEL, 1994, p.73).

A.A - Por isso a senhora usa óculos? Ou é para enxergar o que ninguém mais enxerga? Há pouco, alguém gritou do banheiro como se ninguém fosse ouvi-lo. Ninguém respondeu. Talvez, alguém ainda esteja lá. Então, já deves saber: nada nem ninguém fazem sempre tudo.

S.G - (*Salivando sem parar*). Danados! Trabalho com as mãos porque “as mãos ajudam a esquecer” (CORTÁZAR, 1997, p.34). E, trabalhando, estamos próximos de Deus, do que Deus espera de nós. O que enxergo está além do que podem compreender. Meus óculos são detectores de mentira. Agora mesmo, estou vendo pensamentos maldosos.

P.T - (*Com os braços abertos*). Acalmem os ânimos amigos! Todo trabalho é valoroso e, sendo assim, não há porque diferenciarmos o intelecto da força. No fundo, estamos todos na mesma jornada. Não façamos como as Parcas, cuja memória jamais esquece os erros. A educação é tanto para uns quanto

para outros. E se aprende a cada dia, com cada criatura viva. As palavras só valem pela força que carregam. Feliz é o animal que não sofre o peso das sílabas.

A.A - Mas a história, muitas vezes, é contada por idiotas que nem sabem seu significado. Tampouco o peso das palavras. Como disse, outro dia, numa de suas aulas: “Nós fazemos a história”. É justo maltratar o verbo em nome da liberdade? Alguns dias atrás, um grupo de alunos escamoteou frases inteiras de um livro didático. Eles deturparam a gramática em nome do bem coletivo. Desde então, não confiamos mais no livro didático, apenas nas feições dos professores.

S.G - É o que estou dizendo. Costumo olhar as pessoas face a face, no fundo dos olhos. E, quando esses olhos fogem dos meus, então vejo problemas pela frente. Todos pensam que estou distraída com minha vassoura, entretanto, fico estudando formas de “[...] pensar o pensamento pensado” (ADÓ, 2010, p.19). Outro dia, fiquei horas matutando sobre o destino das borboletas, após o primeiro voo. Com isso, lembrei-me de que algumas palavras que se diz ganham asas, e assim...

P.T - (*Profundamente irritado*). Por amor às coisas santas, não maltratem o verbo! Desconfio muito dos novos deuses que ombreiam com a condição de verdade. É provável que sejam os mesmos que aprisionaram Prometeu no rochedo do Cáucaso. Por isso, coleciono poemas engavetados. São textos esteticamente redigidos para servir ao gosto do leitor. Todos sabem que a fonte de criatividade desses textos não pode secar. Caso contrário, correríamos o risco de ficar sem inspiração artística. No entanto, lhes devo afirmar: “A vida não passa de uma sombra que caminha, um pobre ator que se pavoneia e se aflige sobre o palco — e faz isso por uma hora e, depois, não se escuta mais sua voz” (SHAKESPEARE, 2000, p.124).

A.A - Ora, se o entendemos, concordas que os livros trazem tolices e que, nem sempre, um texto acaricia o leitor. Diferentemente da música e da poesia que embalam os sonhos no aconchego da solidão. Algumas expressões se parecem com pulôveres ao redor do corpo. Embora quanto mais nua a linguagem, mais bela ela se mostra. E se o tempo é apenas o instante do outro, também devemos acreditar que o sinal, por pouco despertado, não passa de ilusão. Por isso, não devemos acreditá-lo.

P.T - Ah! Desafortunados! Há pouco sofrieis da ausência de prazeres nas lições do dia. Mas nem todos os prazeres são para todos. Se lhes entrego a palavra não é por obra do destino simplesmente. É para

com ela e, talvez nela, desafogarem suas agonias. Também não é próprio do nome a indiferença pelos nomes que vagam após si mesmo. E, de fato, “Não sabes que dizes nem que fazes nem quem és” (EURÍPEDES, 1995, p. 75). Portanto, uma nova obra vos espera. Entrai! Ela é sempre nova porque recebe sorrisos como os raios de sol através da janela, mas também a chuva que lava as agruras do tempo.

(Os alunos entram para a sala de aula. A Servente Gerundívia (SG) se retira para outro local da escola a fim de continuar seu trabalho. O Professor Timorato (PT) acompanha a entrada dos alunos com os olhos semicerrados. Olhos que, por vezes, são semelhantes aos do Salvador na Festa do Divino).

CENA II

Cenário

Uma modesta sala de aula de alguma escola qualquer. As classes estão enfileiradas em quantia quase proporcional ao número de metros quadrados disponíveis no espaço. Mas nem todas são ocupadas. Alguns alunos aparecem eventualmente. Quase sempre nas disciplinas em que o professor propunha uma interação diferenciada. Nesse dia, o Professor Rabdomância (PR) resolve provocar um desafio por charadas. E, para ilustrar tal desafio, caracteriza-se com um chapéu que, pelo seu formato, lembra a esfinge de Ramsés. Em sua frente, da porta em direção ao fundo da sala, estão o aluno da esquerda (A.E), o aluno da direita (A.D) e o aluno do meio (A.M). Após, o grupo é constituído por vários alunos anônimos (A.A), o que, no certame trágico, caberia à função de coro.

(Antes de o professor dar as boas vindas, um dos alunos do fundo da sala atira em direção ao quadro-negro uma espessa massa homogênea de papel. O professor agacha-se e com o metacarpo em riste toca-a, proferindo...)

P.R - Saudações minha bucha de todos os dias! Quando olho para os lados e não te encontro, assim tão deformada, lembro-me que a arte de formar tem muitos desencontros. A trajetória é sempre indefinida. Na maior parte das vezes não tem fim. Contudo, quando um bloco granítico de pensamento está a nossa frente, tememos transpô-lo como Jó à escuridão de seu Deus. Estranho é, na verdade, o

caminho: “Não sei se andamos por ele ou se é ele que anda por nós” (CORTÁZAR, 1997, p.65). *(Levanta-se e olha para os alunos)*. Veem esse chapéu que carrego? Ele está aqui para desafiar-lhes os pensamentos. Lembrem-se: o enigma sem resposta é como o fígado de Prometeu: ferido pelo bico da águia, ele se regenera a cada dia; porém, a cada dia, a bicada é mais profunda e intensa. Que minhas palavras se façam insuportáveis como bicadas de águia, eis o que desejo.

A.E - Por *Egós Potamos!* Suportar-lhe não é o problema. Difícil não rir de tão estranha indumentária. Há poucos dias, recordo que falava sobre o *Misanthropo* de Menandro² e, também, sobre a morte do deus Pã. Agora, parece-me dominado pela paixão dos comediógrafos, pela competição dos homens livres. Mas receio que as almas desse espaço, vendo-te e ouvindo-te, façam galhofas de teus enigmas, bordões da populaça. Elas romperam, há muito tempo, com a simetria do purgatório. Nem Virgílio, definitivamente, as acompanha. Estão soltas como libélulas fora da estação *(Olhando para os lados e para trás)*.

A.D - E você? De que lado das almas está? Falando dessa forma, parece-me Mefistófeles disputando a alma de Fausto. Já é hora de ousar a encenação: um grande espetáculo de alegrias nervalianas. Os olhares já estão voltados para a cabeça do tempo e, por isso, o riso já é uma constante. Não reprimas tuas graças, elas também adoram bailar junto aos faunos da floresta.

A.M - *(Com ar autoritário)*. Silêncio! Não vejo anjos celestiais, nem chifrudos em polvorosa. A decisão está tomada e todos são personagens desse jogo tragicômico. Caso contrário, não estaríamos aqui todos os dias, como se a arte peripatética não nos interessasse. Cada passo do ator diz de sua sina e cada palavra que pronuncia, no palco, diz de sua paixão. Mas nada funciona se nós, público cativo, ainda não sabemos mascarar nossos corações, disfarçando nossos desejos mais obtusos.

(Depois dessa prestigiosa intervenção, os dois alunos, da esquerda e da direita, trocam olhares intermitentes como se cada um esperasse a reação do outro).

P.R - Eis que o silêncio, depois de muito oscilar, volta para o vácuo que possui: a força da imaginação. E antes que este chapéu me comprima a cabeça, gostaria de lhes esclarecer o enigma do bode. Ou seja, nada mais que provocar-lhes o sentido do erro e da ilusão. Às vezes, como o pescador que se lança ao mar bravio na busca da sobrevivência, da mesma forma o bode ensina que: “Existe apenas

um dia, existe apenas uma hora que é como se fosse uma faca que corta as redes para sempre” (CORTÁZAR, 1997, p.47). Há muito, portanto, as forças criativas deixaram de vicejar nesse solo. Não que o solo não seja rico em raízes rústicas, acontece que o semeador, depois de alguns anos, perde o hábito de semear a essência dos poemas.

(*Em coro*). A.A - Oh! Ensina-nos o canto do bode! Não temos medo de nada! Pois o bode em seus mistérios já provocou descabros, assim o sabemos. Mas tanto velhos barbudos quanto jovens glabros rendem-se aos seus prazeres. Lastimável foi o destino de Penteu, cujos olhos não acreditaram no poder do deus. Renegou o nome do senhor de muitos nomes, daí o alerta que lhe fez: “Tarde nos soubestes, quando devíeis não víeis” (EURÍPEDES, 1995, p.123).

P.R - (*Mostrando as palmas das mãos*). Eis o enigma: o que não nasce pode gerar? Natimorto que reencontra a vida em meio às Ninfas da caverna e aos Silenos das florestas. Despedaçado. Cada pedaço se assiste inteiro, porque retorna ao lugar da brotação. Do fundo da terra à superfície do anel sagrado. Na sua *parousía*³, íferos e súperos são iguais, pois a ruína está no próprio ser, “[...] não ter nascido, não ser, nada ser” (NIETZSCHE, 1992, p.36,§ 3). Depois, o que é vital está no ar, mas também no solo e na água. Então, se renasce ao definhar e, de fato, tampouco definhamos por amar. Pois as fronteiras entre *Eros* e *Thanatos* ainda tem muito para nos ensinar. Afinal: de quantas mortes carecemos morrer a fim de que o corpo reencontre suas partes?

A.M - (*Levantando-se da classe*). Talvez a resposta que procuras não esteja na simbologia que, por hora, pretendes ordenar. Nem sempre sabemos sorrir sem as máscaras que usamos. E, quando sorrimos sem elas, todos os dentes parecem amarelecidos. É o tempo que repete a sentença de seu filho: “Fica sabendo: sua queda ocorrerá” (ÉSQUILO, 1993, p.48). Mas antes disso, creio que sua cabeça avassaladora, cheia de pensamentos visionários, não suporte o peso da verdade e, desse modo, queira descansar. Vês! Ela pende para trás.

A.E - (*Horrorizado!*) Não! Não deixe que ela caia! Um homem sem cabeça é um homem sem solidão. Desse lado, seguro-a com toda força da minha existência. Mesmo que sua sombra queira anular a palavra da ocasião; ainda assim, um signo vazio salta em direção ao palco. Embora sozinho não passe de um acento sem voz. Careço de outro apoiador, do outro lado, pois nunca se sabe o instante em que o pensamento irá suprimir a fala.

A.D - *(Olhando fixamente para a cabeça do Professor Rabdomâncio)* — Parece-me que uma ideia, cujas palavras não se sustentam por si mesmas, não merece ser lembrada. Já não sei se sigo as lições do bode ou se, nessa *mise en scène*, apareço montado no velho burro anacoluto. O momento exige, entretanto, que meu braço apoie a causa dos camaradas. Mas, por obséquio, da próxima vez não esqueçam seus guarda-chuvas.

(Nesse momento, os dois alunos (A.E e A.D) sustentam a fantasiosa cabeça do Professor R. Reforçam-na, portanto, com dois blocos de argumentos, à maneira de dois braços estendidos. Era sumamente necessário que o porta-voz dos desalmados prosseguisse no enigma do canto).

P.R - *(Aliviado!)* Agradecido aos anacoretas que aqui estão. Sem vocês cairia no abismo dos sem língua. Nada pior do que um morto na língua. Agora tudo me é lúcido, pois me lembro dos defeitos dos livros de filosofia. E concordo com o poeta: “O defeito dos livros de filosofia é não ter ilustrações” (CORTÁZAR, 1997, p.66). Se os tivessem, todos veriam que esta cena repetir-se-ia no café dos filósofos. Mas é preciso que o círculo se feche. Então, devo pronunciar-lhes a canção do bode, extensa e intensa como um sonho que não tem fim.

(Respira fundo e modula o tom da voz)

No duelo dos mundos tua imagem
atravessa dermes e territórios, sem temer o juízo que aniquila.
Próximo dos Universos latejantes estão versos aluados que morrem na praia.

Lua Nova.

Tão nova e só.

Oh! Tu que amas o olhar da Sibila. Eterno e indeciso pelos deuses que ainda hão de nascer.
Um céu claro e sem nuvens, espera. A aragem prenuncia os cantos do amanhã. Lentamente. Pois velozes são as palavras que semeiam a dor. Mas também o homem é tão efêmero quanto sua sombra.

Outrora, eram os deuses que derramavam seu ódio sobre a terra.

Terra indivisa.

Não seria o ódio por teus membros dispersos? Tua linhagem manchou o sudário da fé.

Como o vinho se espalha no linho branco, também tua alma há de querer um pórtico na tempestade.

Espalhar-se na terra e na lama.

Eis a Terra Negra, sinônimo de alegria.

Não seria o amor por teus prazeres insaciáveis? Amores de basilisco.

Inominável! Ordinário! Vigoroso! Intrépido!

Deves anunciar o tempo da próspera colheita. O tempo que chega com ares de criança divina.

Do outro lado, "O deserto cresce: ai de quem abriga desertos" (NIETZSCHE, 2000, p.31).

*Spectatum veniunt, veniunt spectentur ut ipsae*⁴.

[...]

(O Professor R. é interrompido bruscamente pelo sinal que anuncia o fim da aula. Os alunos caminham em direção à porta da sala. No entanto, algo estranho paira em seus olhares. Os mesmos olhares que procuram o sol).

CENA III

Cenário

Sala dos professores. Armários vazios dos dois lados da sala. No fundo, uma pequena porta dá passagem ao depósito de coisas velhas. Algumas vezes usado como confessionário local, ou seja, quando a conversa é particular e não interessa aos ouvidos alheios. Completa a mobília um par de sofás, expostos em forma de L e, também, uma grande mesa no centro, suporte indispensável para as refeições daqueles que cobriam dois turnos de aula. Na parede, uma imitação fajuta do "Grito" de Munch completava o cenário.

(Entra porta adentro, num rompante embevecido, a figura do Senhor Diretor (S.D). Dirige-se à Professora Vicejosa (P.V), visivelmente preocupado com a sanidade mental do Professor Rabdomância (P.R). A professora, no momento, está regando as plantas que ornamentam um pequeno jardim na entrada da sala).

S.D - Santo Deus! Se soubesses o que vi no andar superior, precisamente na sala de aula da turma 201. *(Por segundos o S.D mira fixamente o quadro da parede. Começa a intercalar, rapidamente, o olhar em direção ao quadro e, em seguida, no regador que esta na mão da P.V).*

P.V - *(Suspende o regador e olha para o S.D.)*. Ora, pelo jeito, um fantasma lhe persegue. Agache-se e me deixe molhar sua cabeça com esta água. *(O S.D inclina a cabeça e recebe uma golfada de água fria na nuca).*

S.D - Brrrrrrrr! *(Chacoalhando-se)*. Quando passei pela sala do P.R vi dois alunos lhe suspendendo como se o fizessem de marionete. Os dois alunos estavam um de cada lado, esticando seus braços para manter na cabeça do P.R um estranho chapéu. Pela semelhança, parecia a tumba de Tutamkhamon. Terrivelmente disforme. E ele pronunciava uma série de palavras estranhas, talvez próprias para algum ritual. Enfim, temo por sua sanidade.

P.V - *(Tirando os óculos, limpando as lentes e esfregando os olhos)*. Já vi tanta coisa nessa vida! Não se esqueça do velho ditado: de poeta e louco todo mundo tem um pouco. Também imagino que: “Os loucos devem ter sonhos muito bonitos” (CORTÁZAR, 1995, p.33). Agora, olhe para esta tela e, depois, olhe para as figuras que estão ao seu redor, o que vê? Eles estão por todos os lados. Uns mais. Outros menos. Até minhas plantas já perceberam sua presença *(Nesse momento, a P.V arranca, ferozmente, uma margarida com raiz e tudo e a esfrega no nariz do S.D)*.

S.D - Já entendi! É um complô contra a atual gestão. Um protesto mobilizado pela chapa anterior, a das margaridas. Desse modo, os alunos são manipulados para boicotar as propostas da direção. Não é isso? Sinceramente, o que me incomoda nas margaridas é esse amarelo incandescente, inodoro, improvável.

P.V - *(Calmamente)*. Uma margarida só não faz verão. Lembro que em finais de estação, punha margaridas para secar. Então, colocava-as no meio dos livros, apesar de algumas mancharem as páginas. Mas é fantástico, depois de alguns anos, abrir os livros e encontrar nada mais do que margaridas. Já pensou nessa possibilidade?

S.D - *(Com ar de deboche)*. Ah! Certo! Agora estais querendo me enlouquecer. Trocas andorinhas por margaridas? Também não entendo de margaridas mortas no meio dos livros. Aliás, “É grande a diferença entre ser e não ser” (EURÍPEDES, 1993, p.182, v.656). É provável que um maluco com cabeça de Faraó, de bode ou sei lá o que, queira espezinhar a norma, desconcertando o currículo. E isso não posso permitir. Ele que vá para um curso de Egiptologia *(Sacudindo ligeiramente os braços)*.

P.V - *(Balançando a cabeça)*. Como imaginei. Não tens nenhuma sensibilidade artística. Tampouco entendes de brotação. Se não regarmos a base dificilmente a planta madura renderá bons frutos *(Nesse momento, a P.V inclina o regador em direção aos pés do S.D)*.

S.D - *(Num salto!)* Que é isso? Que absurdo é este! Saiba dona Professora Vegetativa, digo, Vicejosa que por essa brincadeira de mau gosto poderia fazê-la assinar uma ata de ocorrência. Mato dois coelhos com uma cajadada só. De um lado, um esquizofrênico; do outro, uma perfeita neurótica.

P.V - E quem mais? Depende do seu ponto de vista. Um nome não é mais do que um nome. Para seu governo, aqui somos todos anônimos *(Sai para o corredor)*.

CENA IV

Cenário

Saguão da escola. Normalmente é o espaço de uso coletivo dos alunos, lugar onde ocorre a pausa para o recreio e outras atividades. Próximo ao local existe uma praça com alguns brinquedos, quase sempre utilizada pelos alunos menores. Compõe a paisagem pequenos canteiros de flores, espalhados em diagonal. Também uma porção de bancos de madeira desgastados pelo uso e, além disso, uma espécie de tribuna cuja finalidade, além dos discursos do diretor, serve como alicerce para hastear bandeiras. Havia ainda uma cantina de lanches, atendida por uma senhora em idade avançada, conhecida entre os alunos pela alcunha de “Tia dos Lanches” (T.D.L).

(É recreio. A T.D.L conversa com os alunos (A.A) que lhe solicitam doces e salgados).

T.D.L - (*Esfregando as mãos*). Nossa! Hoje estão todos alvoroçados. Até parecem que viram fantasmas. Talvez seja a fome por guloseimas que lhes ataca a consciência. Acalmem-se. Suas vidas não se tornarão amargas por falta de doce. Venha um por vez que tenho doces para todos.

A.A - (*Apreensivos*). Na verdade hoje estamos um pouco nervosos. Acabamos de conhecer o poder do bode. Agora, já nos sentimos, em certo sentido, um pouco nômades, estrangeiros, renascidos. É fantástico aprender magia na sala de aula. Desde muito tempo, as aulas estavam estafantes, ninguém mais tolerava aquele blá-blá-blá.

T.D.L - (*Encostando as mãos na cabeça de um dos alunos*). Pelo jeito os únicos fantasmas estão aqui. Mas não lhes tiro a razão. Por sinal, existe mais razão na loucura do que nas palavras sensatas. Nunca esqueci os versos do poeta que diz:

“[...] Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?”(PESSOA, 1998, p.147).

(Encerra-se o ato e as cortinas começam a cair por sobre o palco).

REFERÊNCIAS

- ADÓ, Máximo Daniel Lamela. **Comédia intelectual da educação**: filosofia, literatura, currículo. Porto Alegre: Faced/UFRGS, 2010. (Proposta de dissertação de mestrado em educação).
- CORTÁZAR, Julio. **Adeus, Robinson e outras peças curtas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- ÉSQUILO (*Prometeu Acorrentado*). SÓFOCLES (*Ájax*). EURÍPEDES (*Alceste*). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. (A tragédia grega v.6).
- EURÍPEDES. **Bacas**: o mito de Dioniso. São Paulo: Hucitec, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. **Ditirambos de Diônios**. 3ª Ed. Lisboa: Guimarães editores, 2000.
- MAQUIÁVEL, Nicolau. **A mandrágora**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- OVÍDIO. **A arte de amar**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

PESSOA, Fernando. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Klick, 1998.

SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. Porto Alegre: L&PM, 2000.

¹ Doutor em educação pela UFRGS. Pesquisador das linhas: Filosofia da Diferença e Educação (UFRGS) e da linha Filosofia e método (UFFS). É autor das obras: *A moral da infância na Didática Magna* (Porto Alegre: Armazém Digital, 2011), *Dionisiacas: filosofia da diferença, educação e infância* (Porto Alegre: Armazém Digital, 2012), além de organizador da obra: *Educação básica e práticas pedagógicas: licenciaturas em debate* (Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012). Atualmente é professor da área de Fundamentos Histórico-Filosóficos da Educação na Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Cerro Largo/RS.

² Poeta ateniense do século IV a.C, expoente da chamada “comédia nova” na antiguidade grega.

³ “Presença”.

⁴ “Elas vêm para ver e vêm para ser vistas”. Ovídio (*Arte de amar*, Livro I, p. 99).